Anno de 1846. Sexta feira 6 de Março. Anno XXII N. 53.

O DIARIO publica-se todos os dias que não forem de guarda: o preço da assignatura he de 4$000 rs. por quartel *pagos adiantados*. Os annuncios dos assignantes são inseridos a razão de 20 réis por linha, 40 rs. em typo differente, e as repetições pela metade. Os que não forem assignantes pagão 80 rs. por linha, e 160 em typo differente.

PHASES DA LUA NO MEZ DE MARÇO.

Crescente a 4 as 8 hor. e 11 min. da tard.
Lua cheia a 12 as 11 hor. e 28 min. da tard.
Mingoante a 20 as 11 h. e 37 min. da man.
Lua nova a 27 as 3 hor. e 30 min. da man.

PARTIDAS DOS CORREIOS.

Goianna, e Parahyba, Segd.s e Sextas feiras.
Rio Grande do Norte, chega nas quartas feiras ao meio dia, e parte nas mesmas horas nas quintas feiras.
Cabo, Serinhaem, Rio Formoso, Porto Calvo, e Maceyó, no 1.°, 11 e 21 de cada mez.
Garanhuns e Bonito a 10 e 24.
Boa-Vista e Flores a 13 e 28.
Victoria nas quintas feiras.
Olinda todos os dias.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira as 11 h. e 42 minutos da manhãa.
Segunda as 12 h. e 6 minutos da tarde.

DIAS DA SEMANA.

2 Segunda S. Simplicio, aud. do J. dos orf. e do J. do C. da 2. v., do J. M. da 2.
3 Terça S. Cunegundes, aud. do J. do civ da 1. v., e do J. de paz do 2. dist. de t.
4 Quarta S. Casimiro, aud. do J. do civ. da 2 v., e do J. de paz do 2. dist. de t.
5 Quinta S. Theofilo, aud. do J. de orf., e do J. M. da 1. v.
6 Sexta S. Ollegario, aud. do J. do civ. da 1. v., e do J. de paz do 1. dist de t.
7 Sabbado S. Perpetua, aud. do J. do civ. da 1. v., e do J. de paz do 1. dist. de t.
8 Domingo S. João de Deos.

CAMBIOS NO DIA 5 DE MARÇO.

Camb. sobre Londres, 28 d. p. 1$ a 60 d.
» » » Paris 350 réis por franco.
» » Lisboa 105 p. c. pr. p. m.
Desc. de let. de boas firmas 1 ½ p. % mez
Ouro-Onças hespanholas 31$000 a 31$500
» Moeda de 6$400 vel. 16$100 a 17$000
» » de 6$400 nov. 16$500 a 16$600
» » de 4$000 . . 8$800 a 9$000
Prata-Patacões . . . . 1$940 a 1$970
» Pesos Columnares . 1$960 a 1$980
» Ditos Mexicanos . . 1$900 a 1$920
» Prata Miuda . . . 1$600 a 1$700
Acções da C.ª do Beberibe de 50$000 ao par.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

PARTE OFFICIAL.

Governo da provincia.

EXPEDIENTE DO DIA 28 DO PASSADO.

Officio—Ao commandante das armas, scientificando-o de haver concedido dous mezes de licença registrada ao segundo sargento do deposito, José Lourenço Henrique de Alvarenga, sobre cujo requerimento S. Exc. informou.

Dito—Ao capitão de mar e guerra Manoel de Siqueira Campello, declarando, póde reassumir a inspecção do arsenal de marinha, visto, como participa, achar se livre da molestia, em consequencia da qual foi obrigado a deixa-la. —Officiou-se á respeito ao inspector interino do arsenal de marinha.

Dito— A' camara municipal do Recife, denegando, de conformidade com informação do engenheiro em chefe das obras publicas, a autorisação, que pede, para pagar em porções as despezas, que se fizerão com os arranjos da casa, em que se acha trabalhando o jury; e significando, que só depois de verificada a insufficiencia, que ella receia, da quota votada para as despezas com o mesmo tribunal e eleições em o anno municipal corrente, he que, a semelhante respeito, se deve dirigir á presidencia, que então providenciará como mais conveniente fôr.

Dito—Ao bacharel Manoel José da Silva Neiva, dando-se por inteirado de haver S. mc. reentrado no exercicio de juiz municipal e de orphãos do termo de Goianna, em o dia 12 deste mez (fevereiro).

Dito—Ao chefe de policia, scientificando-o de haver indeferido, de conformidade com informação do delegado supplente do termo do Limoeiro, o requerimento, em que João Patricio de Moura Cavalcanti, recrutado para a marinha, pedia que o mandasse pôr em liberdade.

Circular—A' directoria do lycêo, á thesouraria das rendas provinciaes e á camara municipal da Boa-Vista, participando haver concedido mais tres mezes de licença sem ordenado ao professor de primeiras lettras de Ouricury.

PERNAMBUCO.

MESA DO CONSULADO.

DEMONSTRAÇÃO *da entrada e sahida das caixas, fechos d'assucar, e saccas d'algodão desde o 1.° de julho até o ultimo de fevereiro do corrente anno financeiro de* 1845 *a* 1846.

ASSUCAR.

ENTRADA.	CAIXAS.	FECHOS.	SAHIDA.	CAIXAS.	FECHOS.
Caixas, e fechos existentes no anno financeiro de 1844 a 1845. . . .	2:136	35	Sahidas no corrente anno financeiro até o ultimo de feveiro p. p. . . .	10:011	356
Entradas no corrente anno financeiro até o ultimo de fevereiro p. p..	9:299	332	Existem.	1:424	11
	11:435	367		11:435	367

ALGODÃO.

ENTRADA.	SACCAS.	SAHIDA.	SACCAS.
Saccas d'algodão existentes no anno financeiro de 1844 a 1845.	2:443	Sahidas no corrente anno financeiro até o ultimo de fevereiro p. p.	11:808
Entradas no corrente anno financeiro até o ultimo de fevereiro p. p.	11:095	Existem.	1:730
	13:538		13:538

Mesa do consulado de Pernambuco, 3 de março de 1846.
O administrador, *João Xavier Carneiro da Cunha.*

TRIBUNAL DO JURY.

SESSAÕ EM 4 DE MARÇO DE 1846.

Presidencia do Sr. doutor Ferreira Gomes.

As 11 horas da manhãa, feita a chamada, verifica-se estarem presentes 40 Srs. jurados.

O Sr Presidente declara aberta a sessão, e condemna em 10$ rs. de multa os Srs.: João Bezerra Monteiro, Manoel José dos Santos Araujo, João Pereira de Couto, Antonio Gonçalves Ferreira e Candido Thomaz Pereira Dutra.

Em seguida diz – vai proceder-se ao sorteamento do concelho, que tem de julgar o accusado Manoel José do Nascimento.

Feito o sorteamento, e prestado o juramento com as formalidades da lei, o Sr. presidente faz ao réo o seguinte

INTERROGATORIO.

O Sr. Presidente: - Qual he o seu verdadeiro nome?

Réo:— Manoel José do Nascimento.

O Sr. Presidente: — Aonde estava no dia 17 de agosto do anno passado, na occasião em que foi preso?

Réo:—No dia em que fui preso, a bocca da noute sahi de minha casa, para ir buscar um boccado de azeite; quando ia, achei-me bastante vexado (*o accusado acciona com as mãos mechendo na barriga*); isto he tinha necessidade de *fazer-fóra*; fui seguindo pela rua do Collegio; comprei dez réis de pimenta do reino; e, como tinha de fazer a precisão, que disse a V.S.ª, seguia meu caminho para ir na Ribeira; levava um páozinho na mão (*faz menção de um páo de tres palmos*); quando de repente me diz aquelle Sr. (*aponta para uma das testemunhas que estava presente*) está preso, porque leva furtado um escravo.

O Sr. Presidente: —E vossê não ia com o escravo... não o levava?

Réo: —Não, Sr., eu não o levava as costas; elle ia com os seus pés; a rua he de todos; elle podia ir atrás de mim; mas eu não o vi senão depois que fui preso.

O Sr. Presidente: —Mas aonde foi preso?

Réo: —Na rua. . . . aqui na rua do Palacio. . . . na rua... na rua do diabo, como se chama...

O Sr. Presidente: —Foi na rua do Collegio?

Réo: —Na rua do Collegio, enhor sim.

O Sr. Presidente: —E qual foi a razão, por que foi preso?

Réo: — Por me imputarem essa imputa, de que eu carregava esse escravo; prendem me, levão-me a casa do senhor do escravo, que me chama ladrão, e como he rico póde dizer o que quizer, e depois a casa do chefe de policia, que não se achava ahi, e dahi para a casa do delegado, e depois para a cadeia.

O Sr. Presidente: —Conhece o escravo Alexandre?

Réo: – Se o vir com a minha vista, poderei conhecê-lo, não tenho maior relação com esse escravo, tive occasião de conhecê-lo um pouco em um serviço, em que andei trabalhando com elle atrás do Carmo, e dahi só na terça-feira he que o vi.

O Sr. Presidente: — Não se lembra de ter encontrado esse escravo varias vezes, e convidado-o para ir com elle ao Sertão?

Réo: —Senhor não, meu Sr.; se acaso o dizem, dizem porque o querem dizer, nanja porque assim fosse: tirante do serviço em que estava atrás do Carmo, foi nesse dia em que fui preso, que tornei a vê-lo.

O Sr. Presidente: – Estava trabalhando com esse preto?

Réo: – Sim, Sr., não havia serviço, estava lá.

O Sr. Presidente: - Vossê era pedreiro?

Réo: - Sim, Sr, pedreiro numa casa.

O Sr. Presidente: – E o preto estava lá?

Réo: —Só o vi no serviço, tirante o serviço, numa semana não o vi, vi ...

O Sr. Presidente: —Espere .. Diga-me, vossê vio uma semana inteira, durante o tempo que trabalhou nessa obra com o preto?

Réo: —Enhor, sim.

O Sr. Presidente: — Quem he o dono da obra?

Réo: —O dono da obra não sei que o não conheço, Senhor.

O Sr. Presidente:—Então qual he a sua profissão?...

Réo: — He pescaria e outras cousas assim; estava trabalhando no serviço de pedreiro.

O Sr. Presidente: Quando foi preso estava, ou não, em companhia desse preto?

Réo: —Vinha sozinho com Deos da Ribeira para a casa; dahi deo-me a vontade, que já disse a V. S.ª: vinha andando aqui por este caminho; me encontrão no caminho, esteja preso: ia com uma garrafa na mão, caminhando; mas o escravo ia atrás; eu o vi junto a mim, depois que me derão a voz.

O Sr. Presidente dá por findo o interrogatorio, que he lido pelo escrivão e assignado por duas testemunhas, em consequencia de declarar o réo, que não sabia escrever.

O Sr. Escrivão lê as peças do processo, constantes da parte official, interrogatorio feito ao escravo Alexandre, confissão do réo e o depoimento de cinco testemunhas de vista: duas das quaes declarão ter visto o accusado passar pela porta, onde estava o escravo, chama-lo, e este o acompanhar com uma trouxa, que tirára da escada; e que, indo o accusado para as partes da cadeia, ahi o prenderão.

Findas as allegações oraes, o Sr. presidente faz o relatorio do estylo e entrega os quesitos ao concelho, que, depois de se haver por um pouco demorado na sala das conferencias, sabe com o verdict, que declara haver o réo commettido o crime de que he accusado com as circumstancias aggravantes dos §§ 1.° e 8.° do artigo 16 do codigo criminal.

O Sr. Presidente, conformando-se com a declaração do jury, condemna o réo a 8 *annos de galés, e na multa de 5 por cento do valor do escravo, e nas custas, sendo a metade paga pela municipalidade.*

Em seguida o Sr. presidente declara, que se vai proceder a novo sorteamento do concelho, que tem de julgar o accusado Saturnino Adriano.

Sorteado o concelho, e prestado o juramento com as formalidades prescriptas na lei, o Sr. presidente faz ao réo o seguinte

INTERROGATORIO.

O Sr. Presidente:—Como se chama?

Réo:—Saturnino Adriano.

O Sr. presidente: — Onde estava na occasião, em que foi preso?

Réo: —Na Soledade, ahi na casa do Sr. Jacintho.

O Sr. Presidente: —Na taberna?

Réo:—Sim, Sr.

O Sr. Presidente:—Sabe a razão, por que foi preso?

Réo:—Não sei a razão, disserão, que eu estava com

FOLHETIM.

A RAINHA MARGOT. (*)

POR Alexandre Dumas.

SEXTO VOLUME.

CAPITULO III.

ACTÉON.

Carlos, que ficára sozinho, admirou-se de lhe não ter apparecido ainda nenhum dos seus dous fieis: estes dous fieis erão a sua ama Magdalena, e o seu galgo Actéon.

— A ama ha de ter ido cantar os seus psalmos a casa de algum huguenote do seu conhecimento, disse elle entre si, e Actéon está ainda agastado da chicotada que lhe dei esta manhãa.

E dito isto tomou um castiçal, e dirigio-se para o quarto da boa mulher. Esta não estava ahi. Uma porta do aposento de Magdalena dava, como nossos leitores se hão de recordar, para o gabinete d'armas. Carlos foi á essa porta.

Mas, ao atravessar para o gabinete, sentio de novo uma dessas crises, por que já havia passado, e que parecia ataca-lo de repente. Padeceo o rei, como se lhe houvessem revolvido as entranhas com um ferro em braza; uma sêde insaciavel o devorava; vio uma chicara de leite sobre uma mesa, engulio-o de um trago, e sentio-se um pouco allivisdo.

Pegou outra vez do castiçal que havia largado sobre um movel, e entrou no gabinete.

(*) Vide *Diario* n.° 52.

Com grande espanto seu, Actéon não veio ao seu encontro. Te-lo-hião fechado? Nesse caso sentiria ter seu senhor voltado da caça, e teria uivado.

Carlos chamou, assobiou; nada appareceo.

Deo uns quatro passos para diante, e como a luz da vela chegava até o angulo do gabinete, lubrigou alli uma massa inerte, estendida no chão.

— O' lá! Actéon. O' lá! disse Carlos.

E assobiou outra vez.

O cão não se moveo.

Carlos correo a elle, e tocou-o; o pobre animal estava teso e frio. Da boca, contrahida pela dôr, havião cahido algumas gotas de fel misturadas a uma baba escumosa e sangrenta.

A' este espectaculo que lhe fez esquecer as suas proprias dores, e recobrar toda a sua energia, ferveo a colera nas veias de Carlos; quiz gritar; mas os reis, encadeados pelas suas grandezas, não teem a liberdade desse primeiro movimento, que todo o homem faz virar em proveito de sua paixão ou de sua defesa. Carlos reflectio que talvez ahi houvesse alguma traição, e calou-se.

Então ajoelhou-se junto ao cão e examinou o seu cadaver como um experto. Os olhos do animal estavão vidrados, a lingoa rubra e crivada de pustulas; era uma molestia extraordinaria, que fez tremer a Carlos.

O rei calçou as luvas, que elle havia tirado, e mettido no cinto, levantou o beiço superior do cão, para examinar-lhe os dentes, e descobrio nos intervallos alguns fragmentos esbranquiçados pegados as pontas.

Tirou esses fragmentos, e conheceo que era papel.

Junto desse papel a inflammação era mais violenta, as gengivas estavão entumescidas, e a pelle roida como por vitriolo.

Olhou Carlos com toda a attenção em torno de si. Sobre o tapete havião dous ou tres pedaços de papel semelhante ao que elle tinha já achado na boca do cão: o maior desses pedaços mostrava traços de uma gravura em madeira.

Os cabellos de Carlos se erriçárão: acabava de reconhecer um fragmento da estampa que Actéon havia arrancado do livro de caça.

— Ah! disse elle empallidecendo, o livro estava envenenado.

Depois recordando-se de repente de todas as circumstancias:

— Mil demonios! exclamou elle, eu toquei em todas as folhas, e a cada uma levava o dedo á boca para o molhar. Esses desmaios, essas dores, esses vomitos! .... Estou morto!

Carlos ficou por um instante immovel sob o peso desta horrivel ideia. Mas logo, soltando um bramido surdo, correo á porta do gabinete.

— Mestre René! gritou elle, mestre René, corrão a ponte Saint-Michel, e tragão-me aqui o Florentino; em dez minutos deve aqui estar. Monte um de vós a cavallo, e tome outro a dextra, para haver menos demora. Se mestre Ambrosio Paré ahi vier, fação-o esperar.

Um guarda partio correndo para obedecer á ordem recebida.

— Oh! murmurou Carlos, ainda que eu tenha de pôr a tormentos todo o mundo, hei de saber quem deo esse livro a Henriquinho.

E com a fronte inundada de suor, as mãos cerradas, o peito palpitante, ficou Carlos com os olhos pregados no cadaver do seu cão.

Dez minutos depois, o Florentino, timido e inquieto, bateo a porta do rei. Ha certas consciencias, para as quaes o céo nunca está puro.

— Entrai, disse Carlos.

O perfumeiro appareceo. Carlos marchou á elle com ar imperioso e carrancudo.

— V. magestade mandou chamar-me..... disse René todo tremulo.

— Sim. Vós sois um habil chimico, não he assim?

— Senhor.....

— E sabeis tudo o que sabem os mais doutos medicos?

— V. magestade exagera.

— Não, minha mãi m'o tem dito. Além de que tenho confiança em vós, e antes quiz consultar-vos a vós do que a qualquer outro. Aqui tendes, continuou elle apontando para o cão, olhai, eu vos peço, para o que este animal tem nos dentes, e dizei-me de que morreo.

Em quanto René, com a vela na mão, se abaixava até o chão tanto para dissimular o seu abalo, como para obedecer ao rei, Carlos, de pé, com os olhos fitos nesse homem, esperava com a impaciencia que he facil de julgar, a palavra que devia ser ou a sua sentença de morte, ou o seu penhor de salvação.

René tirou da algibeira uma especie de escalpello, abrio-o, e com a ponta tirou da boca do cão as particulas de papel adherentes ás gengivas, e examinou por muito tempo e com attenção o fel e sangue que cada chaga distillava.

— Senhor, disse elle tremendo, são bem tristes os symptomas.

Carlos sentio correr-lhe um arripio gelado pelas veias, e penetrar-lhe até o coração.

— Sim, disse elle, este cão foi envenenado, não he assim?

— Receio muito isso, Sr.

— E com que veneno?

— Com um veneno mineral, ao que supponho.

— Poderieis vós adquirir a certeza de que elle foi envenenado?

— Sim, sem duvida, abrindo-o, e examinando-lhe o estomago.

— Abri-o, não quero ficar com a menor duvida.

— Seria necessario chamar alguem para me ajudar.

— Eu mesmo vos ajudarei, disse Carlos.

— Vós, Sr.!

— Sim, eu. E se elle estiver envenenado, que symptomas acharemos nós?

— Vermelhidões, e como umas figuras de plantas no estomago.

— Vamos, disse Carlos, mãos á obra.

René d'um talho de escalpello abrio o peito do galgo, e apartou-o com força, em quanto Carlos, com um joelho em terra, tinha a vela na mão enteiriçada e tremula.

— Vêde, Sr., disse René, vêde, eis-aqui vestigios evidentes. Estas vermelhidões são as que vos predisse;

uma faca, e vierão com uma faca, que tinhão tirado de um feche de lenha.

O Sr. Presidente: – Então de quem era a faca?

Réo:—Não sei dizer a V. S.; a faca, um soldado entrou para dentro e trouxe ella: he só o que sei dizer.

O Sr. presidente deo por findo o interrogatorio, que, lido pelo escrivão, foi assignado por duas testemunhas, por não saber escrever o accusado.

O Sr. Escrivão leo as peças do processo, constantes da parte official do inspector de quarteirão, que dizia ter encontrado o accusado com uma faca, e ser este desertor da companhia de artifices, e o depoimento de cinco testemunhas, que juravão não terem visto tal faca na mão do accusado.

O Sr. Dr. Promotor pede ao jury, que, em vista do processo, decida, se deve ou não ser condemnado o accusado.

O advogado do réo, o Sr. Borges da Fonseca, defende-o, allegando, que, se o Sr. promotor entregava ao juizo do jury o processo, era porque não podia sustentar a accusação, e que o que dizia o inspector de quarteirão em seu officio era falso, porquanto nem o accusado tinha faca, como se deprehende do depoimento das testemunhas, nem era desertor.

O Sr. Presidente faz o relatorio do estylo, e entrega os quesitos ao concelho, que, depois de se haver por um pouco demorado na sala das conferencias, sahe com o verdict, que declara não haver o réo commettido o crime, de que he accusado.

O Sr. Presidente, conformando-se com a declaração do jury, absolve o réo, e condemna a municipalidade nas custas.

A's 2 horas levanta a sessão, e observa, que a de amanhãa começará as mesmas horas da de hoje.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Hoje tem lugar a primeira sessão preparatoria da assembléa legislativa provincial.

Correspondencia.

Srs. Redactores.—Existem os moradores desta cidade de Olinda em um tal abandono, que pouco falta para chegarem ao desespero. Falta-lhes o primeiro alimento da vida, a agoa; e isto em um lugar, em que os antigos tiverão o cuidado de fazer um grande assude ou repreza, não só para que ella aqui não faltasse, como até para que abastecesse a cidade do Recife; mas o que acontece?

Tem a camara concedido a diversos particulares tirarem do dito assude anneis de agoa para construirem banheiros, e alguns destes, abusando da concessão desta licença, teem conservado, e inda conservão os banheiros abertos esgotando o rio, com uma malvadeza sem exemplo; e o fiscal parece, que está cego, e surdo, porque não ouve o clamor do povo, e nem vê este abuso. O assude está quasi esgotado, não dando mais agoa nas bicas: as pessoas, que a vão tirar, são obrigadas a entrar por elle para se proverem, e nenhuma providencia se dá, para que se limpe o rio, antes que appareção as chuvas, a fim de se beber melhor agoa. A camara municipal, a quem incumbe velar neste negocio, dorme o somno da morte, e só se lembra do rio, quando tem de arrematar a venda d'agoa as canôas e lanchas, que a vão buscar. As febres grassão aqui de modo, que já lá vão tres victimas dellas, e Deos sabe, onde isto chegará; em fim, Srs. Redactores, melhor fôra pertencermos ao municipio de Constantinopla do que a este misero e mesquinho, dominado por pessoas, que não se lhes dão do mal que soffrem, etc.

O Olindense.

Miscellanea.

A JUSTIÇA.

Se sem a tolerancia a vida social he um estado de guerra, ella sem a justiça he um estado impossivel.

A justiça he a alma da sociedade: e assim como o corpo se dissolve quando a alma se retira, a sociedade perece quando della se retira a justiça.

Mas, que deve entender-se por justiça? Em sua accepção mais ampla ella consiste na reunião de todas as virtudes: e em sua accepção restricta limita-se a dar a cada um aquillo, que lhe he devido, e a não se offender, por maneira alguma, algum direito.

He neste sentido, que ordinariamente a tomão em seus tratados os moralistas: e será tambem neste, que nós aqui a consideraremos.

Assim considerada, porém, a justiça e a caridade serão duas irmães mui queridas? Será uma dellas um frondoso ramo da outra? ou serão ambas a mesma virtude? Eis-aqui uma questão, que poderia ser curiosa, mas inutil neste lugar.

A justiça e a caridade são daquelles objectos, que a consciencia gosta de approximar, o coração de confundir; e que o raciocinio divide para melhor os avaliar, e a moral distingue para melhor lhes regular os deveres.

Philosophos teem havido, que disserão, que ellas muitas vezes se chocão, e que não póde então exercitar-se uma sem ser á custa da outra: mas os exemplos, com que o pretendêrão provar não mostrárão senão a fraqueza de quem queria sustentar uma má causa.

Se se encontra um parente, ou um amigo, argumentavão elles, nas columnas do contrario partido, a justiça manda, que se mate, e a caridade ordena que se salve. Se um homem está mortalmente ferido ou lhe não resta senão uma vida languida e dolorosa, he obra decarida de acaba-lo, e dever da justiça vinga-lo.

Porém, em que codigo divino, ou humano, acharão elles, que um amigo, que encontra outro amigo nas adversas fileiras; que o pai, que ahi encontra o filho; que o filho, que ahi encontra o pai; tem, por justiça, obrigação de o matar! que seria caridade tirar hoje a vida a quem tivesse de morrer amanhãa? ou privar um enfermo da existencia, que ainda Deos lhe concede, só porque ella he languida e dolorosa?

Menor absurdo seria o dizer-se, que se aquelle que, não tendo senão uma pequena quantia, encontrasse o credor a quem a devesse, e um pobre, que della carecesse, por justiça a deveria entregar ao credor, e ao pobre por caridade: mas nem isto mesmo seria exacto, pois quem paga o que deve, pratica um acto de justiça e de caridade: e quem dá esmolas do alheio, sem consentimento de seu dono, não se conforma com as leis da caridade, e viola as da justiça.

Os povos da antiguidade pagãa tinhão a justiça na maior veneração. Os Gregos e os Romanos chegárão a divinisa-la, debaixo dos nomes de Astrea, e de Themis.

Nos livros santos são muitos os lugares, que a recommendão; muitos os que nos fazem conhecer suas excellencias, e nos asseguráo suas vantagens: mas nada iguala o que Jesus-Christo proferio do alto da montanha, quando, querendo persuadir a necessidade, e introduzir nos corações o amor ardente desta virtude, disse: Bemaventurados os que têem fome e sêde de justiça. (1)

Ella he tão nobre, tão igual, e tão independente, que tanto protege os grandes como os pequenos, os amigos como os inimigos, os reconhecidos como os ingratos aos seus beneficios.

He para gozarmos destes beneficios, que nós de boa vontade nos privâmos de uma porção da nossa liberdade. He por causa delles, que os governos se estabelecêrão, e que os governados se lhes subjeitárão; que os povos obedecem aos reis, e que os reis imperão sobre os povos.

A adulação, a maior inimiga dos reis, dá o nome de beneficencia ás suas liberalidades, ás suas prodigalidades mesmo: porém, Malesherbes disse, que a verdadeira beneficencia dos reis era a justiça; e isto ficou sendo um daquelles axiomas, que nem costumão esquecer com o tempo, nem envelhecer com as idades.

O melhor dos reis he aquelle, cujo reinado he o reinado da justiça: aquelle, a quem a virtude nunca vê com susto, nem o crime sem receio. O peior de todos, dizia um monarcha oriental, he o que os bons temem, e em quem os máos esperão.

A justiça he a maior necessidade dos povos, seja qual fôr a região em que a Providencia os tenha collocado: e he a maior necessidade dos governos, seja qual fôr a sua politica organisação. A cadeia, que entre si os póde ligar, he ella. Se alguma outra se vos figurar solida e segura, não tardareis em desenganar-vos, quando virdes, que qualquer abalo a quebra, que a aniquila qualquer esforço.

Uma grande coragem, junta a grandes meios, ou ainda a audacia, favorecida pela fortuna, póde levar o ferro e o fogo ao coração dos imperios, vence-los, subjuga-los: porém, capaz de rege-los e de felicita-los he só a justiça. Só ella tem o poder de fazer succeder as doçuras da paz ás perturbações e ás violencias da guerra; o espirito de obediencia ás ideias de revolta; a firmeza á instabilidade.

(1) Matth. 5., 6.

Não houve nunca legislador, que lhe não conhecesse a importancia: associação alguma de homens, que pensasse poder prescindir do seu auxilio.

Até os salteadores, que se sustentão de roubos; os piratas, que commettem sobre o mar os crimes, que aquelles commettem sobre a terra, praticão entre si uma especie de justiça, sem a qual reciprocamente se guerrearião, e uns aos outros se destruirião. (1)

A justiça faz respeitaveis os homens aos olhos uns dos outros, aos olhos mesmo daquelles, que mais della se desvião. Facilita-lhes as emprezas; dá lhes o socego, a tranquillidade de consciencia, que anda inherente á felicidade; e a força, que tão necessaria he para se resistir aos assaltos, e aos contratempos da vida.

He a inventora das boas leis, a mestra dos bons costumes, o apoio dos grandes, o asylo dos pequenos. Sem ella, diz Fr. Heitor Pinto, a ordem he desordem; o descanço he trabalho; a gloria he infamia; a vida he morte.

Com a justiça tudo prospéra; faltando ella, definha tudo. A agricultura, o commercio, a liberdade crescem, e fructificão á sua vista: desapparecendo ella, o commercio acaba, a agricultura expira, a liberdade morre. E delineai então bellas estradas: mas quem as frequentará? Esmerai vos em abrir canaes: mas quem navegará por elles? Levantai soberbas pyramides: mas para que servirão ellas senão para monumentos de vaidade, ou para tumulos?

He a justiça, que povôa o mundo, assim como he a injustiça, que o devasta, diz um proverbio arabe. Nem o astro do dia, nem a estrella da manhãa, diz Aristoteles, inspirão tanta admiração como a justiça.

Sua belleza não ha quem a desconheça; não ha quem a negue, ou se atreva a contesta-la. Todos desejão parecer, que a amão: e os que a não amão fazem quasi sempre diligencia por occulta-lo. Vede como o sangue sobe ao rosto dos que, com verdade, são arguidos de offende-la: e quão bem se lembrárão alguns moralistas, de que o instincto do pudor nos foi dado para servir de freio ao vicio, e de guarda á virtude.

O ultimo estado de degradação, a que o homem póde chegar, he o de se não envergonhar de não amar a justiça; de ultraja-la, e não se lhe dar de se saber, que a ultraja. Este estado, mais ainda que excepcional, quasi sempre he sem remedio. Quando assim se he rebelde á natureza, a natureza desampara-nos; e só nos póde reconciliar com ella uma graça do Senhor, especialissima.

Segundo um antigo apologo, viajando juntos o vento, a agoa, e a vergonha, quando tratárão de se separar, quizerão ajustar o lugar, onde poderião tornar a ver-se. Disse o vento: eu serei encontrado sempre nas alturas das montanhas. Disse a agoa: eu nas entranhas da terra. Em quanto a mim, disse a vergonha, quem me perde uma vez, nunca mais me encontra.

Pensão alguns dos modernos pensadores, que a justiça he toda obra dos homens, tão inconstante, tão varia como elles, tão subjeita ás vicissitudes do acaso como as revoluções, tão vãa como os systemas dos philosophos, tão caprichosa como a vontade dos legisladores: que he, porém, isto senão um dos seus mais palpaveis erros, ou um dos seus maiores absurdos?

Ha em nós um typo primitivo, ou um sentimento de justiça, que nasce comnosco, e nos acompanha sempre; apezar do poder do tempo, da influencia dos climas, e das arbitrarias instituições dos homens. Ha uma lei, gravada em nossos corações, desenvolvida pela razão, aperfeiçoada pela religião, que determina o que he justo e o que he injusto; que nos ordena, que façamos aos outros o que quereriamos, que elles nos fizessem; e que nos abstenhamos para com elles de tudo aquillo, de que quereriamos, que elles se abstivessem a nosso respeito.

Tudo o que contra esta lei ensinão os philosophos he desvario; tudo o que contra ella decretão os legisladores he tyrannia; todos os actos, que contra ella se praticão nas revoluções, são attentados contra a moral.

Que estranha, e que falsa justiça não seria a que tivesse alguma daquellas fontes por unica e exclusiva fonte? Em que erros não têem cahido os philosopos? Que iniquidades não têem commettido os legisladores? Que barbaridades as revoluções?

Deixando os legisladores e os philosophos, e limitando-me as revoluções; que muito se não poderia agora dizer, se a natureza da presente composição, e a brevidade della o comportasse? Porém, entre o muito e o nada ha um intervallo.

(1) Cicer. de Offic. L. 2. C. 11.

Nas revoluções, ou ellas sejão feitas contra ou a favor da liberdade, o que com rarissimas excepções menos se escuta, e o que nella menos se attende, he a voz da razão, da moral, e da justiça. No primeiro caso, o carro triumphal, descendo por um grande declive, e com grande força e velocidade, atropella e esmaga tudo: se se brada ao cocheiro para que o faça parar, os cavallos espantão-se, e mais rapidos, mais descompostos, mais fataes se tornão seus movimentos. No segundo caso, he uma tormenta, em que nada se vê senão a assustadora luz do relampago, e em que quasi nada mais se ouve, que a indomita furia do vento, o estrondo do trovão, e o crepitante estampido do raio.

Ah! de que não são capazes os governos, quando lanção cadeias aos povos, que resignadamente lhes não estendem os pulsos? e de que não são capazes os povos, nessa hora por seculo, que o destino lhes concede para se regenerarem, e que elles não empregão senão para se dilacerarem, como se explica Lamartine! He perigoso, diz Schiler, despertar o leão; a garra da aguia he sanguinolenta e terrivel: mas o que ha de mais terrivel e espantoso, debaixo do céo, he o homem no delirio da liberdade.

O que apenas se póde esperar, porém que raramente acontece, he que, terminada uma revolução, a justiça entre logo em exercicio dos seus direitos. Bonald a compara então ao iris depois da tempestade. Com ella a sociedade respira, a ordem alterada se restabelece, os estragos e as ruinas começão a reparar-se: sem que ella assuma o lugar, que lhe he devido, a confusão anarchica continúa; as feridas, que se rasgarão, não cicatrisão; e os abysmos, que se abrirão, conservão-se abertos, esperando novas victimas.

Oh! se os homens, em todas as situações ordinarias e extraordinarias da vida, conhecessem toda a valia da justiça; seguissem geralmente suas maximas; cumprissem pontualmente suas leis; a que embaraços, a que sustos, a que dissabores, a que penas se não pouparião, e quão mais ditosa não seria neste mundo mesmo a sua sorte?

Não haveria revoluções, porque não haveria motivo algum para ellas, nem quem as fizesse sem motivo. A guerra não acharia canto algum no mundo, onde podesse exercer sua acção destruidora. O ferro homicida das lanças e das espadas se converteria em arados, com que se lavrasse a terra, e se curvaria em fouces, com que se lhe segassem os fructos. A charrua romperia e fertilisaria o solo, que actualmente occupão extensas e inuteis muralhas. Serião desnecessarias as fortalezas: e esses milhares de milhares de individuos armados, que devorão a substancia das nações, passarião de dispendiosos consumidores a activos productores, darião novo impulso á industria e ás artes, abririão novas fontes ás riquezas, multiplicarião os recursos dos estados. Nunca mais se ouviria o estrondo do canhão; não se tornarião a vêr campos alagados de sangue humano, cobertos de moribundos e de mortos. Os montes, e os valles resoarião, não com a estrepitosa musica dos combates, mas com o suave gorgeio das aves, e com os alegres canticos dos pastores innocentes, e dos pacificos cultivadores.

As cidades abertas, sem guarnições, sem guardas, offerecerião espectaculos do mais completo socego, da mais inalteravel segurança. Tudo nellas estaria aberto, e nada correria o risco de ser invadido: nada se esconderia, e tudo seria respeitado. A verdade, que tantas vezes he perigosa de dizer-se, e desagradavel de ouvir-se, dir-se-hia sempre sem receio, e se ouviria sem desgosto. A liberdade, tão desejada, e tão perseguida, objecto de tantos cultos, e de tantas profanações, faria as delicias de todos, o tormento de ninguem; e uma universal benevolencia inspiraria uma illimitada confiança, produziria uma geral prosperidade.

E tão grande fortuna não dependia senão dos interessados nella, não dependia senão dos homens, e são elles mesmos, que a tornão impossivel! Elles preferem caminhar por cima de espinhos e de abrolhos, quando podião não pousar as plantas senão sobre alcatifas de flores!

A força perniciosa dos exemplos, falsos interesses, cegueira das paixões, accidentes diversos os allucinão, e os perdem; e apenas a menor parte, apenas alguns delles são fieis á justiça.

Mas pensais vós, que os que nunca desertárão das suas bandeiras; ou que os que voltárão a ellas, tendo dellas desertado, lhe serão constantes em sua fidelidade, independentemente da religião? Que poderão possuir tanta perfeição na terra, não tendo os olhos fitos no céo? Que poderão sem crenças, sem culto, e sem Deos

---

quanto a estas veias sangrentas, são o que designei como figuras de plantas. Acho aqui tudo que procurava.

— De sorte que o cão está envenenado?

— Sim, Sr.

— Com veneno mineral?

— Segundo toda a probabilidade.

— E que sentiria um homem, que, por descuido, tivesse engulido deste mesmo veneno?

— Uma grande dôr de cabeça, ardores interiores como se tivesse engulido brasas, dôres nas entranhas, vomitos.

— E teria sêde? perguntou Carlos.

— Sêde insaciavel.

— He isto mesmo, he isto mesmo, murmurou o rei.

— Senhor, debalde procuro o fim de todas estas perguntas.

— Para que o procurais? Não precisais sabe-lo; respondei ás nossas questões, e nada mais.

— Interrogue-me V. magestade.

— Qual he o contraveneno que se deveria administrar a um homem que tivesse engulido a mesma substancia que este cão?

René reflectio por um instante.

— Ha muitos venenos mineraes, disse elle; quisera antes de responder, saber de qual se trata. Tem V. magestade alguma ideia da maneira por que o seu cão foi envenenado?

— Sim, disse Carlos: comeo uma folha de um livro.

— A folha de um livro?

— Sim.

— E tem V. magestade esse livro?

— Ei-lo aqui, disse Carlos tirando o manuscripto do armario onde o havia mettido, e mostrando-o a René.

Este fez um movimento de sorpresa que não escapou ao rei.

— O cão comeo uma folha desse livro? balbuciou René.

— Esta.

E Carlos mostrou a folha rota.

— Permittis que eu rasgue outra, Sr.?

— Rasgai.

René arrancou uma folha, e chegou-a á vela; o papel inflammou-se, e derramou no gabinete um forte cheiro d'alho.

— Foi envenenado com uma mistura de arsenico, disse elle.

— Estais bem certo?

— Como se eu mesmo o houvesse preparado.

— E o contra-veneno?......

René meneou a cabeça.

— Como! disse Carlos com voz rouca, pois vós não lhe conheceis remedio?

— O melhor e mais efficaz he a clara d'ovo batida em leite; mas.....

— Mas...... porque?

— Mas seria necessario que elle fosse administrado immediatamente, do contrario.....

— Do contrario?

— Senhor, he um veneno terrivel, repetio René ainda uma vez.

— Todavia elle não mata immediatamente, disse Carlos.

— Não, porém mata com certeza; pouco importa o tempo que se gasta em morrer, e que algumas vezes mesmo he um calculo.

Carlos encostou-se a uma mesa.

— Agora disse elle pondo a mão no hombro de René, vós conheceis este livro?

— Eu, Sr.! disse René mudando de côres.

— Sim, vós; ao vê-lo vos trahistes.

— Senhor, juro-vos.....

— René, disse Carlos, escutai bem o que vou dizer-vos. Vós envenenastes a rainha de Navarra com luvas; envenenastes o principe de Porcian com o fumo de uma alampada; tentastes envenenar M. de Condé com uma maçã de cheiro. René, far-vos-hei arrancar a pelle em tiras com uma tenas em brasa, se me não disserdes a quem pertencia este livro.

Vio o Florentino que não havia que gracejar com a colera de Carlos IX, e resolveo mostrar-se intrepido.

— E se eu disser a verdade, quem me assegurará de que não serei punido ainda mais cruelmente do que se eu me calar?

— Eu.

— Dar-me-heis vossa real palavra?

— A' fé de gentilhomem que tereis a vida salva, disse o rei.

— Neste caso, o livro me pertence, disse elle.

— A vós! bradou Carlos, recuando e fitando o envenenador com olhos espantados.

— Sim, a mim.

— E como sahio elle das vossas mãos?

— Foi S. magestade, a rainha-mãi, quem o trouce de minha casa.

— A rainha-mãi! exclamou Carlos.

— Sim.

— Mas, com que intuito?

— No intuito, creio eu, de o mandar levar ao rei de Navarra, que havia pedido ao duque d'Alençon um livro deste genero, para estudar a caça d'altaneria.

— Oh! gritou Carlos; he isso mesmo. Já sei tudo. Este livro, com effeito, estava no aposento de Henriquinho. Ha aqui um destino, e eu o suffro.

Neste momento Carlos teve uma tosse violenta e secca, á qual succedeu uma nova dôr de entranhas. Soltou dous ou tres gritos abaffados, e deitou-se para trás sobre a cadeira.

— Que tendes, Sr.? perguntou René com voz cheia d'espanto.

— Nada, respondeo Carlos; o que tenho he sêde, dai-me de beber.

René encheo um copo d'agoa e apresentou-o com mão tremula á Carlos, que o engulio d'um trago.

— Agora, disse Carlos, tomando uma penna e molhando-a na tinta, escrevei neste livro.

— Que devo eu escrever?

— O que vos vou dictar:

« Este manual de caça d'altaneria foi dado por mim á rainha-mãi Catherina de Medicis. »

René tomou a penna, e escreveo.

— E agora assignai.

O Florentino assignou.

— V. magestade me prometteo a vida salva, disse o perfumeiro.

— E da minha parte cumprirei minha palavra.

— Mas, disse René, da parte da rainha-mãi?

— Oh! dessa parte, disse Carlos, isso não me diz mais respeito; se vos atacarem, defendei-vos.

— Senhor, posso eu deixar a França, quando julgar a minha vida ameaçada?

— Eu responderei á isto nestes quinze dias. Mas por emquanto....

Carlos poz o dedo sobre os labios lividos, carregando o sobr'olho.

— Oh! ficai descansado, Sr.

E dando-se por feliz de se achar quite por tão barato preço, o Florentino fez a reverencia e sahio.

Após elle appareceo a ama á porta do seu quarto.

— Então que ha meu Carlinhos? disse ella.

— Ama, andei pelo orvalho, e isso me fez mal.

— Com effeito, tu estás bem descorado, meu Carlinhos.

— He que estou muito fraco. Dá-me o braço, ama, para ir até a cama.

A ama chegou-se de prompto. Carlos encostou-se a ella e passou ao seu quarto.

— Agora, eu por mim mesmo metter-me-hei no leito.

— E se mestre Ambrozio Paré vier?

— Dir-lhe-has que vou melhor, e que não tenho mais necessidade delle.

— Mas no entanto que tomarás tu?

— Oh! disse Carlos, um remedio bem simples, claras d'ovos batidas em leite. A proposito, ama, continuou elle, o pobre Acteon he morto. He preciso, amanhãa de manhãa, faze-lo enterrar á um canto do jardim do Louvre. Era um dos meus melhores amigos.... Far-lhe-hei erguer um tumulo, se para isso tiver tempo......

(Continuar-se-ha)

identificar-se com uma virtude, cuja essencia he toda divina?

Os homens irreligiosos, conhecendo, pela experiencia e pela reflexão, as vantagens da justiça, serão algumas vezes justos, sem outras considerações mais que as terrestres: mas apresentai-lhes alguns daquelles casos, em que se póde trepar ao cume das honras e das riquezas pela escala da iniquidade, e vereis com que desembaraço elles sobem, mormente se tiverem fundamento para esperar, que este meio de elevação ficará sempre em segredo; e que lhes será possivel conservar o credito immolando a justiça.

Quem he religioso, ao contrario sabe, que os presentes da iniquidade são sempre perigosos; que elles costumão levar comsigo o veneno e a morte; que, se póde haver segredo para com o mundo, o não póde haver para com Deus; que no dia tremendo, em que comparecermos em seu tribunal augusto para sermos julgados, tudo ahi será patente, e tudo aquillo, em que tivermos delinquido, contra nós se levantará.

A differença, por tanto, entre o homem religioso e o homem sem religião, relativamente á justiça, he immensa. O primeiro lhe sacrificará os bens, a liberdade, a vida, se tanto fôr necessario para não infringir suas leis: o segundo será justo, em quanto entender que isso lhe convem; mas se se persuadir de que uma grande celebridade, ou uma grande fortuna o espera no fim de uma carreira criminosa, não hesitará em emprehende-la; proscreverá como Syla, conspirará como Catilina, ou reduzirá, como Nero, a cinzas a capital do mundo.

Entre tanto, se sem religião pouco póde esperar-se da justiça dos homens, deverá esperar-se tudo com ella? Sem duvida, quando elles a tiverem tal qual são obrigados a ter; quando a sua fé fôr viva, e o seu amor á virtude fôr forte.

Sendo, porém, fraca a sua fé, tibio o seu amor ou nenhum, que constancia poderá delles esperar-se, que ardor ou que heroismo de justiça? Contradictorios comsigo, elles incensarão ora a virtude, ora o vicio, serão justos umas vezes, outras vezes injustos; até que, cobertos de cicatrizes das suas quédas, chegarão ao termo de seus dias, tendo pouco ou nada que allegar em seu favor, e tudo a receiar.

Ah! não será difficil achar-se mais de um pai, que possa então com verdade dizer, que nunca se descuidou em promover a fortuna de seus filhos: mais de um philosopho, que possa affirmar, que consagrou a sua vida ao estudo da natureza: mais de um general, que possa lembrar a seus consternados amigos, que não commetteo um erro, nem perdeo uma batalha: porém, qual será o homem, ainda religioso, e quanto mais não o sendo, que em sua hora extrema se atreverá a dizer? Em todas as acções, que pratiquei, em todas as palavras que soltei, em todos os juizos que formei, eu fui sempre justo.

Quereis vós uma regra, que muito poderá concorrer para que nem affrouxeis nos sentimentos de religião, nem vos affasteis dos caminhos da justiça? Ouvi-a da bocca do imperador Marco Antonio. Vivei sempre, diz elle, como querereis ter vivido, quando estiverdes proximos a morrer.

(Extrahido das meditações ou discursos religiosos.)

COMMERCIO.

Alfandega.

RENDIMENTO DO DIA 5.	7:063$101

Descarregaõ hoje 6.

Brigue—*Amelia*—pedra.
Patacho—*C.-H.-Rogers*—farinha.
Brigue—*Juno*—mercadorias.
Brigue—*Heliopolis*—idem.
Brigue—*Condor*—idem.

Consulado.

RENDIMENTO DO DIA 5.

Geral	3:544$348
Provincial	1:183$192
Diversas provincias	23$429
	4:750$969

Movimento do Porto.

Navios entrados no dia 5.

Rio-de-Janeiro; 60 dias, brigue suéco *Hebe*, de 172 toneladas, capitão S. O. Nelson, equipagem 10, em lastro; a Le Breton Schramm & Companhia.

Mar-Pacifico, tendo sahido de New-London, ha 19 mezes, galera americana *Armata*, de 413 toneladas, capitão W.m B. Holl, equipagem 31, carga azeite; ao capitão.

Rio-de-Janeiro; 37 dias, brigue brasileiro *Americano-Feliz*, de 186 toneladas, capitão Ildefonso Manoel dos Santos, equipagem 14, carga farinha; a Amorim Irmãos. — Segue para o Rio-Grande-do-Norte e Ceará em commissão do governo.

Montevidéo; 32 dias, brigue dinamarquez *Hector*, de 192 toneladas, capitão C. Custeansen, equipagem 10, em lastro; a F. Robiliard & Companhia.

Declarações.

— O arsenal de guerra precisa comprar azeite de carrapato, dito de côco, fio de algodão e torcidas: quem taes generos tiver para vender, mande ao mesmo arsenal, até o dia 6 (hoje) do andante mez, suas propostas em carta fechada. Directoria do arsenal de guerra, 3 de março de 1846. — O escripturario, *Francisco Serafico de Assiz Carvalho.*

— Faz-se saber aos subditos britannicos residentes em Pernambuco, que no dia sexta-feira, 13 do corrente, terá lugar neste consulado, rua da Cruz, ao meio-dia, o ajuntamento para os fins designados no acto Geo: IV. Cap. 87.

Consulado britannico, 5 de março de 1846.
A. A. Cowper,
Consul.

Avisos maritimos.

= O brigue *Nero* sahe com brevidade para o Rio-Grande-do-Sul; recebe unicamente escravos a frete: quem os pretender mandar, entenda-se com Leopoldo José da Costa Araujo.

— Para o Aracaty sahe, com a maior brevidade possivel, o brigue-escuna *Ayena*: para carga trata-se com Novaes & Companhia, na rua do Trapiche, n. 34, segundo andar.

— Para Lisboa partirá, até o dia 20 do corrente, o brigue portuguez *Tarujo II*, capitão Severiano Antonio de Almeida; para carga a frete ou passageiros offerece excellentes commodos: os pretendentes tratem com os consignatarios Firmino José Felix da Roza & Irmão, rua do Vigario, n. 23, ou com o capitão.

= Para Lisboa sahe, impreterivelmente no dia 29 do corrente, o brigue portuguez *Robim*; recebe carga e passageiros: trata-se com o capitão na praça do Commercio, ou com o consignatario Thomaz de Aquino Fonseca, rua do Vigario, n. 19.

— Para o Aracaty sahe nestes dias a sumaca *Carlota*, mestre e dono, José Gonçalves Simas: quem na mesma quizer carregar, entenda-se com o mesmo mestre, ou na rua da Cruz, n. 26, com Luiz José de Sá Araujo.

Leilaõ.

= Hoje, 6 do corrente, pelas 10 horas da manhãa, tem lugar o leilão do resto das miudezas da loja n. 2 da rua Direita, que foi do fallido Joaquim dos Santos Azevedo.

Avisos diversos.

O ESQUELETO.

O n.º 5 sahe hoje as duas horas, em proza e verso, e acha-se a venda no lugar do costume.

= Alugão-se duas casas terreas na travessa da Concordia, por detrás do convento do Carmo, com duas salas e tres camarinhas cada uma, e quintal; quem as pretender, dirija-se a rua estreita do Rozario, n. 45, na venda.

= Aluga-se uma casa em Fóra-de-Portas, n. 120, onde teve açougue Ursula Maria do Nascimento, e vendem-se os pertences do mesmo açougue, prompto, sem que nada falte ao referido talho: a tratar na rua da Guia, n. 74.

= Aluga-se um preto, que entende bem de padaria, refinação, soccar assucar, possante, e bem desembaraçado no serviço; quem pretender annuncie.

= Precisa-se de uma mulher para tratar de uma doente: na rua larga do Rozario, n. 17. Na mesma casa comprão-se jornaes a 90 rs. a libra.

— Aluga-se um bom cozinheiro; quem pretender annuncie.

— Tendo ouvido dizer, que principiaráõ as missões, talvez no dia 12 do corrente, a funcção lyrica da *Companhia Italiana*, annunciada para o dia 12, será no dia 11, se a venda dos bilhetes cobrir as despezas. O director,
G. Marinangeli.

= Roga-se ao Snr. Francisco José da Silva Eiras, queira fazer o favor de declarar por esta folha, se o abaixo assignado, quando deixou de ser seu caixeiro, foi por pegar no que não era delle, e a razão, por que foi. — *Custodio Lourenço da Silva Massieira.*

= Precisa se de uma ama de leite, que seja vaccinada, para uma criança, que está de bexigas: na rua do Rangel, n. 56.

= Dá-se dinheiro a premio com penhores de ouro e prata, rebatem-se ordenados, e soldos com clausulas; na rua da Praia, n. 22, ou na rua do Rangel n. 37.

= Roga-se ao irmão ministro da ordem terceira Franciscana, que use das attribuições, que lhe confere o compromisso em soccorro das irmães pobres, que, acostumadas a perceberem as esmolas no mez de outubro de cada anno, estamos em março, e sua mercê surdo ao gemidos da necessidade; mande convocar mesa, e execute os artigos 177 e 178; lembre-se, que quando sindico distribuio as esmolas em tempo, e com mais razão o deveria fazer agora como maioral; mas, revestido do poder da ordem, calca aos pés os estatutos, e a pobreza.

Uma irmãa.

= Aluga-se um primeiro andar do sobrado da rua da Penha: a tratar na rua do Cabugá, loja de Joaquim José da Costa Fajozes.

— Aluga-se o segundo andar do sobrado da rua estreita do Rozario, por 10$ rs. mensaes: a tratar na rua do Nogueira, n. 27.

— Aluga-se uma casa terrea por detrás da rua da Aurora, com 4 quartos, duas salas, gabinete, quintal murado com cacimba de boa agoa, cozinha fóra: a tratar com Bento José da Silva Magalhães, na rua do Crespo, ou com o Guimarães, que foi do sello, na rua do Hospicio, aonde se acha a chave.

= José Soares Pinto Correia mudou a sua venda da casa n. 58 para a de n. 60.

— Quem precisar de um caixeio para loja, ou para outra occupação, dirija-se a rua Augusta, n. 32.

= Offerece-se um rapaz brasileiro de boa conducta para caixeiro de qualquer occupação, e dá fiador a sua conducta: quem de seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se a rua de Agoas-Verdes, n. 92.

= Engaja-se um corneta para o primeiro batalhão de guarda nacional do municipio do Recife; a pessoa, que semelhante engajamento, quizer fazer compareça na rua do Collegio, n. 8.

= Manoel Pereira da Silva, chegado, ha pouco, nesta praça, dedica-se a ensinar musica e tocar flauta, e tambem a copiar musica, por preço commodo: quem pretender, dirija-se a rua de Florentina, n. 6.

= Aluga-se o segundo andar da casa atrás da matriz da Boa-Vista, n. 26, com muitos commodos, grande sotão, muito fresco, pintado de novo: a tratar na mesma rua, n. 22.

= José Soares de Azevedo, professor de lingoa franceza no lyceo, tem aberto em sua casa, rua estreita do Rozario, n. 30, terceiro andar, um curso de geographia, e outro de lingoa franceza. As pessoas, que desejarem seguir uma ou outra destas disciplinas, podem dirigir-se á indicada residencia, de manhãa até as 10 horas, e de tarde das 3 em diante.

— Precisa-se de uma ama de leite, que seja desimpedida, e sem filho, e que saiba bem tratar de crianças: na rua das Cruzes, n. 22, segundo andar.

— Alugão-se os primeiro e segundo andares da casa da rua Nova, n. 20, ou tambem se aluga sómente o primeiro andar: a tratar na mesma rua, loja n. 20.

— Deseja-se fallar, nesta praça, com o Sr. Manoel Antonio Barboza, que foi morador na cidade das Alagôas, viuvo de Francisca das Chagas; a pessoa, que delle souber, ou que faça suas vezes, dirija-se a rua do Livramento, casa do Sr. João da Silveira Borges, procurador de causas, que ahi achará pessoa que lhe deseja fallar a negocio de seu interesse.

— João Nepomuceno Barrozo, procurador da casa de seu sogro Francisco da Silva, faz sciente a todas as pessoas, que tiverão transacções e negocios particulares com o seu finado cunhado Francisco da Silva Junior, e a quem estejão a dever, ou de quem se julguem credores, entendão-se com o annunciante, que se acha autorisado para receber e pagar os creditos e debitos daquelle finado, sendo que sejão os ultimos legalmente provados.

= O general Antonio Correia Seára, commandante das armas, habita a casa n. 56, na rua Nova.

= Aluga-se um sitio na estrada de S. Amaro para Belem, passando a ponte, primeiro portão do lado direito, com uma excellente casa, em que podem morar 3 familias, bastantes arvoredos de fructo, pasto para 8 vaccas de leite, baixa para capim, 3 viveiros, e terra para plantar: a tratar no mesmo sitio, ou na rua do Livramento, loja de latoeiro, n. 28.

= O abaixo assignado declara ao publico, que por motivos particulares, que tem com o director da companhia italiana, o Sr. Giuseppe Marinangelli, não póde mais prestar-se com a sua pessoa a outra representação, não sendo feito com consentimento do abaixo assignado o annuncio, que ultimamente appareceo nos *Diarios* desta cidade, para uma nova representação do Hernani. = *L. Toselly.*

— Para se responder com excepção a pergunta, que hontem se fez por este *Diario* n. 52, sobre a casa n. 52, da rua do Padre Florianno, tambem se deseja saber, que n. tinha essa mesma nos annos de 1823 a 1825, e a quem ella pertencia nesse tempo.

= Precisa-se saber, se a casa sita na rua do Padre Florianno, n. 52, está desembaraçada para poder subjeitar-se a qualquer onus.

SOCIEDADE THEATRAL MELPOMENENSE.

O primeiro secretario avisa aos Senhores socios, que hoje, 6 do corrente, haverá sessão da sociedade, pelas 5 horas da tarde, na casa de suas reuniões, na rua Cruz, n. 5.

= O abaixo assignado lendo, no *Diario-novo*, a declaração do Sr. subdelegado do termo do Limoeiro, sobre um escravo Manoel, responde, que o dito escravo he pertencente ao inventario do finado Antonio Machado da Cunha, do qual he o abaixo assignado testamenteiro; o qual roga providencias, a fim de que o dito escravo venha remettido para a cadeia desta cidade do Recife. — *Ignacio Nunes de Oliveira.*

= A direcção da sociedade theatral Melpomenense tem aberto uma subscripção para com seu producto soccorrer os Cearenses, victimas da fome, e flagellos da secca, e convida a todos os Srs. socios para concorrerem com suas assignaturas, dirigindo-se a casa do thesoureiro, na rua da Cruz, n. 43.

= Precisa-se de mandar copiar certos papeis, com brevidade, e em boa lettra: quem a isto se propozer, dirija-se a rua da Aurora, n. 42, segundo andar, das 6 as 8 horas da manhãa, e das 3 as 6 da tarde.

= Manoel Antonio Ribeiro embarca para fóra da provincia os seus escravos Filipe e Francisca, de nação Angola.

— Aluga-se uma casa terrea na rua da Concordia, n. 5: a tratar na mesma rua, n. 3.

= Offerece se um moço portuguez para caixeiro de padaria, ou de venda, que de tudo tem bastante pratica: quem de seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se a rua do Caldeireiro, n. 60.

= Deseja-se fallar com a Senhora Maria Virissima, que foi recolhida do convento de N. S. da Gloria, desta cidade, e he irmãa do Reverendo Lourenço Luiz de Carvalho: em Fóra-de-Portas, rua dos Guararapes, n. 32, ou annuncie sua morada.

= O abaixo assignado, doutor em medicina pela faculdade da Bahia, tem a honra de offerecer seu prestimo medico ao respeitavel publico desta provincia, offerecendo-se igualmente a receitar *gratis* as pessoas desvalidas, durante o espaço das 6 as 9 horas da manhãa, em casa de sua residencia, no primeiro andar do sobrado n. 33, na rua do Livramento.

Candido Gonçalves da Rocha.

= Para ama de casa para cozinhar, coser e lavar, trata-se na de Manoel Coco, n. 20.

— Arrendão-se duas grandes olarias em S. Anna, com barro dentro para toda obra, e muito terreno para plantações, e 3 casas, sendo uma dellas com commodos para grande familia, com quintal, contendo muitos pés de larangeiras e de café, e boa cacimba: a tratar em S. José do Manguinho, sitio de portão de ferro, defronte da igreja.

— Na rua do Hospicio, n. 28, fazem-se excellentes bolinhos para chá, de todas as qualidades, e optimos biscoutinhos, tanto d'agoa como doces.

= Desappareceo, desde a Capunga até o Recife, uma cachorra branca, com uma malha parda; roga-se a quem a tiver, o favor de a mandar entregar, na rua do Cabugá, n. 3, que será bem recompensado.

AVISO IMPORTANTE.

O abaixo assignado tem a satisfação de annunciar ao respeitavel publico, que pela barca sarda *Concordia*, vinda de Boston, entrada neste porto no preterito mez de fevereiro, ha recebido novo provimento de pilulas vegetaes do doutor Brandreth.

Estas pilulas, cujo autor basta para garantir sua excellencia, tornão-se assás recommendaveis, não só pela bem merecida celebridade e reputação, que teem adquirido, pelos maravilhosos beneficios colhidos de sua applicação em molestias graves; mas tambem por ser um medicamento completamente inoffensivo: podendo applicar-se a ambos os sexos, em qualquer idade.

Ao annunciante cabe a gloria de asseverar ao publico (o que já por mais vezes tem feito), que são as unicas verdadeiras de seu proprio autor, e por esta occasião, em beneficio da humanidade, avisa a seus futuros freguezes, não confundão estas com as envoltas em papel, e lacradas em preto, as quaes teem gyrado nesta praça intitulando-se verdadeiras!!

Os pretendentes encontrarão as verdadeiras, unicamente na botica da rua da Cadeia-Velha, n. 36, de Vicente José de Brito.

— Antonio Joaquim Gonçalves Guimarães retira-se para fóra da provincia.

— Quem tiver uma preta, que saiba cozinhar o diario de uma casa e engommar, querendo aluga-la para esse fim, em casa de pouca familia, dirija-se a rua do Livramento, n. 11, ou annuncie.

Loteria de S. Pedro Martyr de Olinda.

Continúa a estar á venda nas lojas de cambio dos Srs. Vieira, e Manoel Gomes, no bairro do Recife, e no do Santo Antonio, nas lojas dos Srs. Menezes, na rua de Collegio, e Gusmão na rua do Queimado, e nas boticas dos Srs. Moreira Marques, e Chagas, o resto dos bilhetes desta loteria, cujas rodas terão o seu infallivel andamento no dia 17 do corrente mez.

— Aluga-se o segundo andar da casa n. 20 da rua Direita, com boa vista, e bons commodos; assim como o primeiro andar do sobrado da rua da Senzalla-Velha, junto ao Sr. Lasserre, muito fresco, e com bons commodos: a tratar na rua do Collegio, segundo andar, n. 14, ou no Recife, armazem de Bacellar, a fallar com J. Marcellino da Rosa.

= Tem-se justo e tratado a compra de uma casa sita na rua Velha do bairro da Boa-Vista, n. 121, com a Senhora D. Anna Joaquina Wanderley: se alguem se achar com direito na dita casa por hypotheca, herança, ou outro qualquer titulo, por onde possa embaraçar a dita venda, haja de annunciar por esta folha, no prazo de oito dias; do contrario não será mais admittida reclamação alguma.

= Precisa-se de 600$ rs. a premio, hypothecando-se 3 escravos; e compra-se uma commoda de angico em bom uso, sendo por preço commodo: quem tiver, annuncie.

— Precisa-se de um caixeiro habil, para uma padaria, e que entenda de venda, dando fiador a sua conducta: trata-se na venda, que faz esquina para a rua do Rangel, na pracinha do Livramento.

— Roga-se aos Srs. Joaquim Mathias Vianna, Severianno Bandeira de Mello, José Joaquim da Cunha Junior, Antonio, caixeiro que foi do Sr. Novaes, e Antonio de Barros, de annunciarem suas moradas, ou dirigirem-se a rua da Praia, n. 7. Na mesma casa vendem-se 15 meios de sola da matta, e cal branca por preço commodo.

— Aluga-se a casa, que se está concertando na praça da Boa-Vista, aonde teve venda Joaquim de Paula Lopes: a tratar no pateo do Carmo, com Bernardino Francisco de Azevedo Campos.

Agencia de passaportes.

— Na rua do Collegio, botica n. 10, e no Atterro-da-Boa-Vista loja n. 48, tirão-se passaportes para dentro e fóra do imperio, assim como despachão-se escravos: tudo com brevidade.

— O abaixo assignado faz sciente ao respeitavel publico, que tem nesta data constituido por seus bastantes procuradores aos seus genros e filho, João Nepomuceno Barrozo, João José de Carvalho Moraes, e Marcolino Gonçalves da Silva. — Recife 2 de março de 1846. = *Francisco da Silva.*

= Quem quizer mandar lavar roupa, e engommar, dirija-se a loja do unico sobrado da rua da Viração, que será promptamente, e com asseio servido, por menos do que em outra qualquer parte. Na mesma casa admittem-se escravas, para se ensinar a coser, fazer lavarinto, marcar e fazer renda, por modico preço.

Trancelins de qualquer modelo, anneis, fitas, flores, adereços, pulceiras, brincos, &c.; tudo o mais bem feito possivel e por preço modico.

— Precisa-se de uma ama com muito e bom leite, que seja livre e desimpedida, e que saiba bem pensar uma criança; na rua da Praia de S. Rita, sobrado n. 1.

= Vestem-se anjos para procissão, com perfeição, e por preço commodo; na esquina da rua do Cabugá, junto a botica do Sr. João Moreira.

= Aluga-se um primeiro andar em Fóra-de-Portas, passando o arsenal de marinha, casa da esquina do lado da maré grande, n. 135.

— Precisa-se de um cocheiro, que tenha boa conducta: na rua do Crespo, n. 9.

= Na rua da Cadeia, n. 45, deseja-se saber se nesta praça existe Francisco Moreira de Souza Meirelles: ou quem do mesmo souber fará o favor de dar noticias.

= Alugão-se duas canoas de conduzir agoa, em bom estado; quem tiver, dirija-se a rua da Concordia, casa da aferição.

= Precisa se de um caixeiro para um deposito de assucar e café, que se abrio de novo: na rua de S. Cruz da Boa-Vista, n. 60.

Compras.

= Compra-se uma cadeirinha em bom uso; na rua larga do Rozario, venda n. 33.

— Compra-se o livro — Medicina Curativa — de terceira edição, do autor Le Roy; na rua de Apollo, tanque d'agoa, n. 28.

— Compra-se um moleque de nação, de 14 a 18 annos, sem vicios nem achaques, de bonita figura; na rua da Concordia, casa da aferição.

= Compra-se uma carroça com pipa, para conduzir agoa, em bom estado; na rua da Concordia, casa da aferição.

Vendas.

= Vende-se, na rua do Crespo, n. 14, loja de José Francisco Dias, algodão americano, azul, de vara de largura, proprio para roupas de escravos, pelo barato preço de 240 rs. o covado; cortes de cassa-chitas, de bonitos padrões, a 2000 rs.; ricos pannos encarnados para mesa, a 2000 rs.; panno entrançado, com 9 palmos de largura, de listras largas, proprio para mesa, pelo barato preço de 560 rs. o covado; franklim, muito fino, e de duas larguras, pelo barato preço de 800 rs. o covado, meias casimiras de listras, muito encorpadas, a 640 rs.; dita de quadros, a 800 rs.; brins francezes, de listras e quadros, muito encorpados, a 340 rs.; castores para calças, a 180 rs.; madapolão enfestado fino, a 5800 rs., cassa lisa soffrivel, pelo barato preço de 320 rs. a vara; e outras muitas fazendas muito em conta, e assegurando-se aos senhores compradores ser fazenda limpa e sem defeito

= Vendem-se duas negrinhas, uma de 12 annos, e outra de 14, recolhidas, já cosem e fazem o mais serviço de uma casa; uma mulatinha de 18 annos, de muito boa figura para mucama de uma casa; 4 escravas, duas cosem e engommão; uma parda de 30 annos, optima para ama de uma casa; dous mulatinhos, um de 15 annos, e outro de 17, de boas figuras para pagens; um moleque peça, de 18 annos, official de alfaiate, e bom pagem; um preto velho, por 100$ rs., bom para sitio: na rua do Crespo, n. 10, primeiro andar.

= Vende-se um moinho grande de moer café; 1 torrador; uma balança grande com 6 arrobas de pesos; um balcão; 2 taixos novos; tudo junto, ou separado, por preço commodo: no Aterro-da-Boa-Vista, n. 21.

=Vendem-se varios escravos, de 14 a 28 annos; atrás da matriz de S. Antonio, n. 16, primeiro andar.

= Vende-se uma boa escrava, sadia, com habilidades, propria para ama de casa de homem solteiro; um moleque, de 10 annos; tudo em conta: na rua larga do Rozario, venda n. 37.

=Vende-se uma padaria em muito bom lugar de negocio, prompta de todos os preparos e utensilios quasi novos, com commodos na mesma para moradia, a dinheiro, ou a prazo: a tratar na rua da Guia, n. 7.

= Vende se, com meio feitio, um trancelim com cadeia para relogio; um alfinete de peito, com diamante; um botão de abertura, com diamante; um annelão tambem com diamante: na rua do Queimado, n. 57, se dirá quem vende.

=Vendem-se 3 escravas de nação, moças, de bonitas figuras, optimas quitandeiras e proprias para todo o serviço; um mulatinho, de 17 annos, optimo para pagem; um escravo de nação, muito possante, de 30 annos, bom serrador: na rua das Cruzes, n. 22, segundo andar.

— Vende-se um preto official de sapateiro, de 32 a 35 annos; na rua Real, ao virar para a rua de Henrique Dias, n. 15, se dirá o motivo da venda, ou na rua do Amorim, n. 41, a fallar com Manoel Ribeiro da Fonseca Braga.

— Vende-se uma preta de bonita figura, de idade de 25 annos; engomma perfeitamente, cozinha e lava de varrella: na rua da Aurora, casa terrea, n. 50.

= Vende-se mel de abelha, muito superior; na travessa do Arsenal, n. 5.

= Vendem-se 3 compendios de grammatica portugueza, para uso do lyceo, em bom estado, por preço commodo; na praça da Independencia, loja de tartarugueiro, n. 34.

= Vendem-se saccas de farinha fina e entre-fina, por preço barato; no armazem do Baltar & Oliveira, na rua da Cadeia do Recife, n. 12.

=Vende-se, no deposito da rua estreita do Rozario, n. 21, assucar branco fino, a 2560 rs. a arroba, e a 80 rs. a libra; dito sumenos, a 1920 rs., e a 60 rs. a libra; dito mascavado, a 1600 rs. a arroba, e a 50 rs. a libra; café moido, a 140 rs., e em grão, a 120 rs.; um moinho e um torrador em bom uso; duas balanças grandes e mais outra; dous pesos de duas arrobas até meia quarta; um caixão com quatro repartimentos; uma caixa de pinho, com chave; 5 barricas pequenas; uma de farinha de trigo; duas urupemas, a 80 rs.; um caixão de café; 5 saccos vasios; um candieiro muito bom; saccos de diarios; papel de embrulho, a 1000 rs. a resma; 3 corredores; uma mesa pequena, que serve para alfaiate; uma cama de vento com um travesseiro, por 3800 rs.

= Vende-se superior farinha do Maranhão, a 80 rs. a libra, e sendo de 8 libras para cima, a 2$ rs. a arroba; na travessa do Queimado, venda n. 3.

= Vendem-se casaes de pombos bons batedores, e de todas as côres, por todo o preço; na rua Formosa, n. 1.

— Vende-se o muito novo e conhecido vinho champagne, chegado ultimamente, pelo brigue francez *Heliopolis*: em casa de Avrial Irmãos, rua da Cruz, n. 20.

Vende-se a mais superior sarja larga hespanhola, lós de linho pretos muito superiores, lenços de seda de cores muito bons, pelo barato preço de 1$120, e outras muitas fazendas, por preço mais em conta que em outra qualquer parte: na pracinha do Livramento, hoje rua do Queimado, na segunda loja por baixo do sobrado grande de tres andares, n. 46.

— Vendem-se dous quartáos, sendo um capado, os quaes estão em boas carnes: na rua do Rozario, venda n. 1.

— Vende-se, ainda, a vida de S. Francisco Xavier, 4 v.; dita de Fr. Bartholomeo dos Martyres, 2 v.; estão novos e dão-se mais em conta do que as mais vezes, que se tem annunciado, a 2$ rs. cada tomo: não ha cousa mais barata: na travessa da Madre-de-Deos, n. 9.

=Vende-se uma mulatinha, de idade de 11 annos, de bonita figura, sabe bem coser; uma negrinha, de 12 annos, tambem cose; um cabrinha de 10 annos; um preto de bonita figura, bem moço, perfeito carreiro: no pateo da matriz de S. Antonio, sobrado n. 4.

= Vende-se um sobrado de 2 andares, na ilha de S. Miguel, em uma das melhores ruas da cidade: a tratar no Aterro-da-Boa-Vista, venda n. 80.

=Vendem-se ricos cortes de vestido de fazenda indiana imitando seda, o mais superior que tem apparecido, tanto pelos bonitos padrões como pelas côres fixas, e pela muita duração, seu diminuto preço he de 3000 rs. cada corte; mantas de seda para senhora, as mais superiores, que teem apparecido, pelo barato preço de 3000 a 12$ rs. cada uma; sarja de seda preta para vestidos, a 1440 rs. o covado; dita hespanhola, larga e muito superior, a 2600 rs. o covado, meias de seda, de peso, brancas e pretas, a 3000 rs. o par; ditas pretas para homem, a 2$ rs. o par; ditas de algodão pretas para homem, imitando seda, a 320 rs. o par; meias de linho para homem, muito finas, a 500 rs. o par; luvas pretas sem dedos, as mais superiores que ha, a 1000 rs. o par; casimiras para calças, a 1000 rs. o covado; dita elastica, muito superior, e de duas larguras, a 4200 rs. o covado; cassa-chitas para vestido, a 3$ rs. o corte; cambraias; parisienses; chitas francezas, largas e estreitas para vestidos; tudo por preço muito barato; assim como um bom sortimento de fazendas para calças, e outras muitas fazendas por preço muito em conta: na rua do Crespo, loja nova, n. 12, de José Joaquim da Silva Maia.

=Vende-se uma marqueza semelhante a sophá, um par de bancas e seis cadeiras tudo d'oleo, uma cama de amarello bastante fornida e de armação moderna, está prompta de cortinados de cassa de bom gosto, guarnecidos de franja franceza, e tem enchergões, que tudo está novo, sem ao menos ter sido levado uma só vez, em razão de serem feitos, ha 4 mezes; uma meia-commoda de conduru'; uma mesa de jantar, de pinho, com gaveta, e o mais fornida possivel; meio apparelho de louça azul, do ultimo gosto, sendo 10 duzias de pratos sortidos, uma terrina grande, com seu competente prato debaixo e colher, 4 pratos, 2 com tampas e dous sem ellas, duas terrinas pequenas para molho, uma saladeira, 8 pratos travessos, 12 copos para agoa, 12 calices, duas garrafas, duas compoteiras, tudo de cristal fino e do ultimo gosto; um apparelho para chá, com 18 chicaras e pires de ramos pretos; um par de lanternas lisas; e muitos outros arranjos precisos em uma casa, que se venderáõ muito barato, porque o dono retira-se desta provincia; advirtindo que tudo tem muito pouco uso: na rua Bella; n. 15.

= Vende-se uma venda com os fundos, que convierem ao comprador, no Aterro-da-Boa-Vista, n. 54, e se promette fazer todo o negocio, a dinheiro, ou a prazo, com boa firma. O motivo, por que se faz este negocio, he tão sómente porque o dono da dita venda pouco ou nada entende deste estabelecimento, e mesmo porque, tendo outro negocio, se não póde occupar neste.

= Vende-se um páo para tipoia, muito bem feito, por preço commodo: na rua do Crespo, n. 2.

= Vendem-se e alugão-se bichas de Hamburgo, de superior qualidade, por preço commodo; na rua do Trapiche-Novo, n. 26.

=Vende-se uma preta de Angola, de idade de 18 a 20 annos, de bonita figura, não tem vicio algum, cozinha o diario de uma casa, he boa lavadeira de sabão e varrella, engomma liso, entende de boceteira, e he muito fiel; uma dita crioula, de boa figura, boa cozinheira, tanto de forno como de fogão, cose bem chão, engomma soffrivel, e he boa refinadeira de assucar: na rua do Crespo, n 12, a fallar com José Joaquim da Silva Maia.

= Vende-se uma casa meia-agoa, sita na rua Augusta, com 30 palmos de largo e muito fundo; no pateo do Carmo, venda n. 1.

= Vende-se uma casa terrea na travessa do Lobato, n. 10, ao pé do S. Thereza; no pateo do Carmo, venda n. 1.

= Vende-se uma moeda encastoada em ouro de lei, uma medalha, um coração, 6 colheres de prata de lei, tudo sem feitio; no largo do Carmo, venda n. 1.

= Vendem-se duas canoas, sendo uma de 1200 tijolos, e a outra de 800 ditos; na rua das Cruzes, n. 42.

MUITO BARATO!

No Aterro-da-Boa-Vista, n. 10,

vende-se sarja de seda hespanhola, muito superior, a 2000 rs.; gros de Napoles preto para vestido de senhora, pelo barato preço de 800 rs. o covado; merinó preto, muito superior, a 3200 e 4$ rs.; princeza muito fina, com 7 palmos de largura, a 1400 rs. o covado, casimira de lãs, com quadros e listras, muito superior fazenda e de lindos padrões, a 460 rs.; brins de linho com listras de côres, e muito fortes, a 320 e 400 rs. o covado; dito pardo, trançado, a 600 rs a vara; dito branco de listras, a 240 rs. o covado; ricos cortes de chita a turca, a 3800 rs.; chitas finissimas de padrões chinezes, a 260 rs.; ditas rouxas avelludadas, a 200 rs.; e outras de diversas côres fixas, a 180, 160 e 140 rs. o covado; meias de seda preta para homem, muito superiores, a 1$ rs. o par; lós pretos, muito finos, de marca pequena, a 4000 rs.; algodão trançado de listras, americanos, muito fortes para roupa de escravos, a 240 rs.; dito com vara de largura, pelo mesmo preço; franklim com 7 palmos de largura, a 1120 rs. o covado; e outras muitas fazendas por preço commodo.

— Vende-se muito superior potassa da Russia, em barris pequenos, pelo modico preço de 240 réis a libra: na rua do Trapiche, armazem de José Teixeira Basto.

— Ha um deposito de mechas phosphoricas, brasileiras, por preço mais em conta possivel, nas lojas dos Srs. Guedes & Mello, no Recife, rua da Cadeia; Thomaz Pereira de Mattos Estima, no Aterro-da-Boa-Vista.

= Vendem-se dous bonitos pardos para pagens; 4 pretos, excellentes escravos e bonitos; um cabrinha, de 10 annos; uma preta de bonita figura, cose, lava e cozinha o diario de uma casa; vendem-se todos em conta: na rua da Cruz, n. 3.

Tivolly da rua do Crespo.

= Na loja da esquina da rua do Collegio, com frente para o arco de S. Antonio, vende-se seda de xadrez para vestido, a quatro patacas e meia o covado; luvas de seda preta e de côres, com meios dedos e sem elles, proprias para senhora, a doze vintens o par; sarjas pretas, fabricadas em Lisboa, a dous mil rs. o covado; dita hespanhola, muito boa, por preço commodo; merinó preto com 7 palmos de largura, a trez mil rs. o covado; alpaca muito propria para casacas e sobre-casacas, a cinco patacas o covado; princeza preta com 7 palmos de largo, a quatro patacas o covado; chitas de Roberto do Diabo, a meia pataca o covado; riscados largos, tecidos, com padrões escuros, a nove vintens; ditas francezas de xadrez, a doze vintens o covado; chitas francezas largas, e riscados turcos, a pataca o covado; um bom sortimento de chales e lenços de todas as qualidades; boas mantas de setim, modernas; tafetás de todas as côres; galões; rendas; espeguilhas; volantes; papel meia hollanda, a dous mil e oitocentos rs. a resma; lenços imitando a seda, a doze vintens; e outras muitas fazendas, como chapeos de sol, de seda, a cinco mil e quinhentos rs., e outros com barra de superior seda, a sete mil rs.

Potassa americana.

Vende-se a 240 rs. a libra, da melhor e mais nova, que existe neste mercado; no armazem do Braguez ao pé do arco da Conceição, ou a tratar com J. J. Tasso Junior.

= Vende-se um sobradinho por detrás da igreja de S. Rita, n. 46: a tratar no Recife, loja de Manoel Gonçalves da Silva.

= Vende-se uma duzia de cadeiras; duas bancas; um sophá; um canapé; uma mesa redonda de meio de sala; uma dita de jantar; uma commoda; um par de mangas de vidro: no becco do Rosario, sobrado de um andar, com tres portas, n. 5.

— No armazem do Braguez ao pé do arco da Conceição, vendem-se boas batatas das ilhas, a 800 rs. a arroba.

= Vende-se rapé imperial, em libras, meias ditas, e oitavas; nas lojas seguintes: rua da Cadeia-Velha, dos Srs. Guedes & Mello; rua do Crespo, loja da escadinha; rua do Quartel, de Victorino de Castro Moura; Aterro-da-Boa-Vista, de Caetano: o preço he de 2000 rs. a libra, e 30 rs. a oitava.

MUITO BARATO.

=Vende-se um pequeno sitio a margem do Capibaribe, com casa de vivenda, coqueiros e terra para plantar alguma cousa, agoa de beber, muito fresco e alegre, com estrada pela Passagem, e pelos Afogados; as mais proporções se diráõ ao comprador: na rua de Agoas-Verdes, n. 21.

—Vende-se CERA EM VELAS, do Rio-de-Janeiro, em caixas sortidas, a vontade do comprador; COLLA SUPERIOR DA BAHIA: na rua da Senzalla-Velha, n. 110.

=Vende-se uma casa grande e com bons commodos, quintal bastante grande, e com varios arvoredos, na rua da Conceição, n. 14: a tratar na dita casa.

= Vendem-se moendas de ferro para engenhos de assucar, para vapor, agoa e bestas, de diversos tamanhos, por preço commodo; e igualmente taixas de ferro coado e batido, de todos os tamanhos: na praça do Corpo Santo, n. 11, em casa de Mc. Calmont & Companhia, ou na rua de Apollo, armazem, n. 6.

= Vendem-se 4 escravos bons para o trabalho de campo; um moleque peça, de 18 annos, official de alfaiate, e bom pagem; 2 mulatinhos de 16 annos, de muito boas figuras para pagens; um preto velho, por 100$ rs., bom para trabalhar em um sitio e botar sentido; 4 pretas moças, duas engommão, cozinhão e lavão roupa, tudo fazem bem; uma parda, de 35 annos, boa ama de uma casa: na rua do Crespo, n. 10, primeiro andar.

= Vende-se, por commodo preço, um lindo jogo de gamão novo, com tabolas e copos de marfim; na rua Nova, n. 40, das 6 as 9 horas da manhãa, e das 4 as 6 da tarde.

= Vendem-se dous pretos peças, moços e de mui lindas figuras, proprios de todo o serviço de casa e de campo, e até para pagens; na rua da Cadeia de S. Antonio, n. 25.

= Vende-se cera em velas do Rio-de-Janeiro de muito bom sortimento, mais barato, que em outra qualquer parte; farinha de araruta, a 200 rs. a libra; cerveja superior, a 360 rs. a garrafa: na venda nova n. 9, defronte do Passeio.

= Vende-se, na casa de J. Cardoso Ayres, rua da Cadeia do Recife, uma obra publicada no Rio-de-Janeiro em 1843, intitulada *Diccionario de Medicina Popular*, ou a medicina ao alcance de todas as classes da sociedade pelo doutor Chernoviz, 2 volumes em quarto, contendo 950 paginas, por 10$ rs., brochados, e 12$ rs., encadernados.

— Relogios de ouro, patente inglez, já examinados e approvados aqui, vendem-se a dinheiro, por preço muito baixo; correntinhas da ultima moda, padrão = Principe Alberto =; e tambem um chronometro para navio, bem regulado: na rua do Trapiche, n. 40.

= Vende se cerveja branca e preta de Londres, fabrica de Barclay & Companhia, a melhor, que ha; ha um lote menos estimado da branca, que se vende mui barato para fechar uma conta; tambem se vendem vinhos superiores para gosto particular, sendo da Tenariffe, Hespanha e do Porto: na rua do Trapiche, n. 40, casa do Christophers & Donaldson.

— Vende-se pescada fresca em salmoura; na rua da Madre-de-Deos, armazem n. 26, defronte da igreja.

= Vende-se a olaria da passagem do Caldeireiro, da parte do Barbalho, com barro dentro para toda obra, boa baixa de capim, onde entraõ as marés, e ajuntando-se-lhe terreno sufficiente, que admitte 12 e mais vaccas de leite annualmente: a tratar na mesma olaria com Anselmo José Pinto de Souza.

= Vende-se setim de Macáo, sarja preta hespanhola, muito boa; sedas escocezas de lindos padrões; véos pretos e brancos; luvas de pellica e de seda; chapeos francezes para homem; ditos de sol para homem e senhora; bons bezerros de lustro; borzeguins para homem e senhora; e um completo sortimento de calçado: na rua Nova, n. 8, e na esquina da rua do Cabugá, n. 11, lojas de Amaral & Pinheiro.

= Vende-se potassa americana, ultimamente chegada, em barris grandes e pequenos; lenços pretos, de seda da India; setim preto de Macáo; velas de espermacete, de 4, 5 e 6 em libra; cera amarella; algodão grosso para saccos; tudo por preço commodo: em casa de Matheus Austin e Companhia, na rua da Alfandega-Velha, n. 36.

=Vende-se, na esquina da praça da Independencia, n. 39, um completo sortimento de calçado para senhora e meninos; optimo chá; meias e luvas para senhora, homem, e padre; suspensorios [illegible]; agulhas douradas, em caixinhas; [illegible]; rapé de differentes autores; e todas as [illegible] a preços baratos.

= Vendem-se brins de côres, muito fortes, a 400 e 480 rs.; dito branco, de listras, a 240 rs.; lãs para calças, do melhor gosto, pelo baratissimo preço de 480 rs. o covado; cortes de cassa com 8 jardas cada um, a 2200 e 4000 rs.; lenços de cassa pintada e com cercaduras, a 240 e 320 rs.; esguião de puro linho, a 1000, 1100 e 1200 rs.; chitas sortidas, escuras e brancas, a 160 rs. o covado; algodão de listras trançadas, americano, muito forte, proprio para calças e camisas de pretos, pelo bom preço de 240 rs. o covado: no Aterro-da-Boa-Vista, loja n. 14.

= Vende-se uma boa casa de taipa, bem feita, na principal rua de Pedras-de-Fogo, por preço commodo; tambem se troca por um escravo, de idade, sem achaques: no Aterro-da-Boa-Vista, fabrica de licores, n. 26.

= Vende-se uma escrava da Costa, moça, robusta, faz o diario de uma casa, e tem muita propensão para ganhadeira, ou quitandeira, sem vicios nem achaques: na rua de S. Francisco, n. 66, segundo andar.

—Vendem-se dous pardos moços, bons carreiros; um dito de 16 annos, optimo para pagem; 2 moleques de nação, de idade de 18 annos; 6 escravos de nação, com bonitas figuras, e bastante praticos do serviço de campo; duas escravas, de idade de 18 a 22 annos com varias habilidades, por preço commodo: na rua Direita, n. 3.

— Vendem-se muito bons charutos regalos, primeres, caçadores e outras qualidades, em caixas de cem charutos, da fabrica de Francisco Gros, na Bahia; no unico deposito, na rua da Cruz, no Recife, n. 26, primeiro andar.

=Vende-se um preto de bonita figura, de idade de 20 annos, com principios de canoeiro, e proprio para todo o serviço; uma preta, de idade de 18 a 20 annos, de bonita figura, muito sadia, boa lavadeira e engommadeira: na rua da Cadeia do Recife, loja de João da Cunha Magalhães

= Vende-se sal do Assu'; a bordo do patacho *Conceição*, fundeado defronte do trapiche novo, ou a tratar com Firmino José Felix da Rosa & Irmão, na rua do Vigario, n. 23, segundo andar; assim como farelo de Lisboa, a 1280 rs. a arroba, no caes da Alfandega, armazem de Francisco Dias Ferreira.

= Em casa de Fernando de Lucca, na rua do Trapiche, n. 34, vendem-se charutos de regalia, de superior qualidade, ultimamente chegados da Bahia; ditos de Manilha, em porção e a retalho.

Escravos Fugidos.

— Fugio, na madrugada do dia 7 do passado, da cidade de Olinda, uma parda de nome Cosma, parecendo branca, por ser bastante clara, cabellos cortados e corridos, estatura mediana, não mal parecida, olhos pretos e grandes, sobrancelhas grossas, com falta de dentes na frente, peitos grandes, pés e mãos regulares; em um dos pés tem uma pequena ferida entre os dedos, que não a deixava andar bem; o dedo do meio da mão direita, na ultima junta, he defeituoso de um panaricio; representa 20 a 22 annos de idade; levou, além da roupa do corpo, uma trouxa com um vestido de chita novo e algumas camisas, sendo 3 de madapolão fino, ainda em folha, e 45$ rs. em cedulas: quem a pegar, leve a sobredita cidade de Olinda, na rua do Passo-Castelhano, casa contigua ao theatro, ou no Recife, na rua da Aurora, n. 12, que será generosamente recompensado.

= Fugio, no dia 30 de janeiro, um escravo crioulo, de nome Roberto, alto, secco, barbado, pés grandes, côr preta, bem esperto, e por isso póde ser que até ande calçado; levou calças de riscado azul, chapeo de seda preta usado, e mais uma trouxa de roupa: quem o pegar, leve a rua da Concordia, n. 3, que será generosamente recompensado.

— Fugio, no dia 5 de agosto do anno p. p., uma escrava de nome Marcolina, de nação Cambinda, bastante alta, cara comprida, com todos os dentes, pés bastante grandes, mal feitos e atornezados, bem fallante, costuma a beber, mas não cahe: quem a pegar, leve a cidade de Olinda, rua do Amparo, defronte da igreja do mesmo nome, que será generosamente recompensado

— Fugio, no dia de entrudo, uma preta crioula, de nome Florencia; levou vestido branco e saia preta, panno da Costa; com signaes pelo corpo como de bexigas seccas; foi escrava do fallecido padeiro João Maluco, na rua das Larangeiras; a qual se julga andar pelo Porto-das-Canoas, cidade e estrada nova, por ter ahi amizades: quem a pegar, leve as Cinco-Pontas, venda n. 4, que será recompensado.

— Desappareceo, ha 3 dias, uma parda escura, de nome Bernarda, representa 20 annos de idade, cabellos carapinhados, o rosto com marcas pretas de bexigas, modernas, peitos grandes, secca do corpo; tem a unha do dedo grande da mão esquerda aleijada, os dedos dos pés muito pequenos a excepção do dedo grande, que he muito maior; andava vendendo fazendas, e desappareceo com o taboleiro: roga-se as autoridades policiaes, e capitães de campo de a pegarem e levarem a sua senhora no Cachangá, Severina Francisca da Costa, ou na rua do Queimado, n. 52.

PERN.; NA TYP DE M. F. DE FARIA — 1846.